

Raízes de um cristianismo exacerbado: o Anticlericalismo de Junqueiro

Henrique Manuel Pereira
Universidade Católica Portuguesa - Porto
hpereira@porto.ucp.pt

Resumo

Guerra Junqueiro (1850-1923) ocupa lugar de relevo na visibilidade expressiva e sintomática do fenómeno anticlerical português, tendo o seu anticlericalismo expressão particularmente violenta em *A Velhice do Padre Eterno* (1885), com manifesto prolongamento em *Pátria* (1896), a ponto de ambas as obras terem sido apontadas como “o evangelho do anticlericalismo em Portugal”. Todavia, a visibilidade do anticlericalismo junqueiriano precede em muitos anos aquela primeira obra. O presente artigo ocupa-se, pois, das raízes do anticlericalismo de Junqueiro. Para o efeito, cruzando argumentos e “demolindo adquiridos”, persegue em particular a composição poética “O Cura da minha aldeia”, ainda não devidamente historiada e inscrita na *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*.

Palavras-Chave: Guerra Junqueiro, Anticlericalismo, *A Velhice do Padre Eterno*, *O Peregrino*, Obras Completas.

Abstract

Guerra Junqueiro (1850-1923) occupies a prominent place in the expressive and symptomatic visibility of the Portuguese anticlerical phenomenon, his anticlericalism having a particularly violent expression in *A Velhice do Padre Eterno* (1885), with a manifest extension in *Pátria* (1896), having both works pointed out as “the gospel of anticlericalism in Portugal”. However, the visibility of Junqueira's anticlericalism precedes that first work in many years. Hence, the present article is concerned with the roots of Junqueiro's anticlericalism. To this end, crossing arguments and “demolished the previous acquired”, he particularly pursues the poetical composition “O Cura da minha aldeia”, not yet properly recorded and inscribed in *Obras de Guerra Junqueiro (Poetry)*.

Keywords: Guerra Junqueiro, Anticlericalism, The Old Age of the Eternal Father, The Pilgrim, Complete work

Nem sei dizer qual é mais sacrossanto exemplo,
 Se o Cristo quando chama a si os pequeninos,
 Se, quando incendiado em ímpetos divinos,
 Expulsa e azorraga os vendilhões do templo”
 (*A Morte de D. João*)¹

“Mas também acredito, embora isso vos pese,
 E me julgueis talvez o maior dos ateus,
 Que no universo inteiro há uma só diocese
 E uma só catedral com um só bispo – Deus.
 (*A Velhice do Padre Eterno*)²

1. Nascido em Freixo de Espada à Cinta, preso às montanhas por uma espécie de cordão umbilical tão subtil quanto o ar vital nas artérias, Guerra Junqueiro permanece montanha mesmo quando há muito deixou de ser visivelmente fortaleza.

Mas a paisagem junqueiriana, já de si complexa, parece compor-se, como as regiões montanhosas que o viram nascer, de materiais diversos acumulados desordenada e contraditoriamente. Disso é acusado. Sendo muitas e de vária ordem as razões que o explicam, diríamos que muito poucas justificam o assaque dum agir sob o signo da contradição. Na acusação pesará uma certa lenda do homem, tão confusa quanto uma imagem reflectida em águas instáveis; pesarão os ódios políticos e religiosos, porque “o embuste mais inacreditável, se o enxertarem com destreza num ódio político ou religioso, tem logo seiva para alimento, deita vergôntes e dá frutos”³; pesa a parcial e demolidora campanha empreendida pela crítica de António Sérgio e apurada na *Presença*, visando, na expressão do padre Manuel Antunes, os grandes “poetas do sagrado”, de que Junqueiro foi a primeira grande vítima⁴; pesa também o facto de, intencional ou distraidamente, se lerem mais os críticos do que a obra e acção do criticado.

A estas razões, sem a preocupação de elenco exaustivo, acrescentaremos a pregnância da nota anticlerical, com relevo para o gesto suicidário que foi a publicação de *A Velhice do Padre Eterno*. Com esta obra Junqueiro sentenciou em parte o seu destino. Por outro lado, a centralidade e a radicalidade da temática anticlerical não têm permitido que certa crítica alargue o olhar a outros campos da acção e do pensamento

¹ *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*. Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1972, p. 151. Passaremos a citar esta obra por *OGJ*.

² *OGJ*, p. 337.

³ Guerra Junqueiro, “A execução de uma quadrilha”. *A Pátria* (23 Abril 1910), p. 3, col. 1. Este longo texto, ocupando dezanove colunas em três páginas, embora tardiamente, acabaria por ser recolhido em *Horas de Luta*. Porto: Livraria Lello & Irmão, Editores, 1945, pp. 133-193.

⁴ Cf. António Telmo, *Horóscopo de Portugal*, Lisboa: Guimarães Editores, 1997, p. 152.

junqueiriano de igual modo tangíveis e de alcance porventura mais totalizante e unitário.

A pluralidade de opiniões – pautadas entre a suprema canonização e a radical diatriba – não deverá constituir motivo de perplexidade maior do que o foi para o próprio. Veja-se este juízo auto-definitório, seja ele original ou retocado:

A minha glória? Chamam-me génio – e cochicham; falam de mim – e não me compreendem. Os políticos consideram-me um poeta; os poetas, um político; os católicos julgam-me um ímpio; os ateus, um crente. O que me resta? Fechar-me numa nuvem – e dizer que não estou em casa para ninguém...⁵.

Afirmar-se hoje que nenhum outro poeta português “provocou mais desencontradas críticas à volta da sua obra”⁶ é insistir num lugar-comum. Por efeito das causas, e como afirmou Jacinto do Prado Coelho, “o debate, há muito aberto, sobre o valor de Junqueiro como poeta e como pensador é dos mais curiosos temas de sociologia da cultura”⁷. Se estamos com José Gomes Ferreira ao afirmar que “o processo Junqueiro ainda não está encerrado, e será, mais tarde ou mais cedo, revisto”⁸, não deixamos de subscrever que “a posteridade de Junqueiro é das coisas mais diabolicamente labirínticas que têm existido na literatura portuguesa”⁹.

2. Se “os afloramentos da atitude anticlerical existem desde sempre na tradição cultural portuguesa”, está provado que o “apogeu da visibilidade expressiva e sintomática do fenómeno anticlerical” se situa “entre meados do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX”¹⁰. Luís Machado de Abreu objectivou o fenómeno

⁵ Luís de Oliveira Guimarães, *O espírito e a graça de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Livraria Romano Torres, 1968, p. 62.

⁶ Maria Helena da Rocha Pereira, *As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Livraria Portugália, 1950, p. [5]. O que pensaria a autora daquele trabalho, publicado aos vinte e cinco anos de idade e hoje esgotado? Por outro lado, na qualidade de inquestionável especialista em Cultura Clássica, que pensaria ela de *O Prometeu Libertado*? Na circunstância da entrevista realizada para o documentário *Nome de Guerra, A Viagem de Junqueiro*, sugerimos que revisitasse o opúsculo, aditando-o eventualmente com uma abordagem ao inconcluso poema junqueiriano. Seria mais um excelente serviço à cultura portuguesa. Foi, pois, com satisfação que promovemos a reedição, com o aditamento de “O esboço do poema *Prometeu Libertado*”: Maria Helena da Rocha Pereira, *Um Regresso às Imagens e aos Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*, 20 pp, sob a forma de Caderno Especial, integrante da revista *Letras Com Vida – (Literatura, Cultura, Arte)*, n.º 1 (1.º Sem. 2010).

⁷ Jacinto do Prado Coelho [Dir.], *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa [...]*. 4.ª edição, Porto: Livraria Figueirinhas, 1997, vol. 2, p. 515.

⁸ José Gomes Ferreira, “No cinquentenário da morte de Guerra Junqueiro”. *Colóquio/Letras*, n.º 14 (Jul. 1973), p. 71.

⁹ *Antologia poética: Guerra Junqueiro*. Anotação e selecção de A. Cândido Franco. Lisboa: Guimarães Editores, 1998, p. LXI.

¹⁰ Luís Machado de Abreu, *Ensaios anticlericais*. Lisboa: Roma Editora, 2004, p. 35.

tomando o período compreendido entre as polémicas de Herculano e o fim da 1.^a República, mais especificamente, os anos de 1850 a 1926, para perspectiva de abordagem¹¹. Percorrendo este arco temporal, constata-se que Guerra Junqueiro (1850-1923) o preenche e que os seus passos quase o atravessam por inteiro. A problemática religiosa cruza-lhe, de ponta a ponta, a vida e a obra.

3. O anticlericalismo de Junqueiro tem a sua expressão mais violenta em *A Velhice do Padre Eterno*, obra publicada em 1885, significativamente dedicada a Eça de Queirós (1845-1900), e à memória de Guilherme de Azevedo (1839-1882). “Panfleto teológico formidável”, *A Velhice* terá contribuído, na asserção de Lopes de Oliveira, “mais do que nenhuma outra obra, para fortalecer entre nós a corrente anticlerical”¹². O mesmo dinamismo anticlerical junqueiriano terá depois manifesto prolongamento em *Pátria* (1896), a ponto de ambas as obras terem sido apontadas como “o evangelho do anticlericalismo em Portugal”¹³.

4. Mas a manifestação do anticlericalismo junqueiriano precede em muitos anos a publicação de *A Velhice do Padre Eterno*. Onde a sua raiz? Emergirá ela de algum obscuro capricho dos genes? Assim pensam e afirmam alguns, descobrindo precisamente nos genes a origem de (quase) todos os erros e desvios da obra e personalidade de Guerra Junqueiro.

4.1. António Sardinha (1888-1925), por exemplo, repetidamente afirmou ser Junqueiro “um semita nos seus traços fisionómicos” como “nas suas linhas morais”¹⁴, não se cansando de alertar para a importância de “ponderar devidamente a influência ancestral, como factor preponderante na génese da criação artística”¹⁵. No alegado semitismo do poeta – “um estrangeiro hostil, por composição ancestral”¹⁶ –, Sardinha encontrava justificação para a “desforra atávica contra a disciplina católica e

¹¹ Cf. *Ibidem*, pp. 35-68.

¹² Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra*. (1850-1880). Lisboa: Ed. Excelsior, [1954], vol. 1, p. XXXI.

¹³ Moreira das Neves, *Guerra Junqueiro: o homem e a morte*. Porto: Domingos Barreira, 1942, p. 47.

¹⁴ António Sardinha, Monsieur Homais em Pathmos. In *Idem, Na feira dos mitos. Idéas & factos*. Lisboa: Liv. Universal de Armando J. Tavares, 1926, p. 19. Este livro recolhe vários outros textos seus, escritos entre 1917 e 1919.

¹⁵ *Idem, Purgatório das ideias. Ensaio de crítica*. Lisboa: Liv. Ferin, 1929, p. 187.

¹⁶ *Ibidem*, p. 189.

monárquica”¹⁷ por parte do poeta de Freixo de Espada à Cinta. Por conseguinte, “reunindo na nossa indignação tudo o que secularmente abjecto se condensa em tal palavra, desforcemo-nos nós da afronta – *nós que somos de boa cristandade*”¹⁸, – chamando-lhe simplesmente o que ele é: Judeu!”¹⁹. Outros, como é sabido, se juntaram a Sardinha na defesa desta(s) ideia(s).

No actual estado da investigação, um abismo infranqueável parece separar-nos da prova. Por outras palavras, não dispomos de elementos probatórios que nos permitam afirmar ou negar o alegado semitismo de Guerra Junqueiro²⁰. Quando muito, podemos deduzi-lo por aparências ou evidências da sua fisionomia, pela análise dos seus gestos e atitudes, por testemunhos orais do próprio ou de terceiros ou ainda por indícios internos da sua obra²¹.

Como se entrevê, a matéria é complexa e delicada. Para uma vinculação, suposta ou real, de Guerra Junqueiro ao semitismo é fundamental demarcá-la de construções políticas e religiosas. Nesta linha de raciocínio, viu bem Pierre Hourcade (1908-1983) ao apontar, logo em 1932, o semitismo como uma arma de ataque dos adversários políticos e/ou religiosos do autor de *Os Simples*²². Trata-se de uma observação interessante, uma vez que o referido Hourcade vem sendo também ele Apresentado como “representativo duma corrente de má tendenciosidade”²³ no que se refere ao Poeta.

¹⁷ *Ibidem*, p. 189.

¹⁸ Itálico nosso.

¹⁹ *Ibidem*, p. 191.

²⁰ A esta matéria fizemos em tempos uma aproximação mais detalhada embora manifestamente incipiente: Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: percursos e afinidades*. Lisboa: Roma Editora, 2005, pp. 47-58.

²¹ Qualquer que seja o peso que se lhe atribua, há referências explícitas a um judeu errante, “condenado pelo destino a caminhar constantemente, andarilho eterno, um verdadeiro almocreve dos tempos” em *A Viagem à Roda da Parvónia* (1879); e há um judeu descrito como “velhinho andrajoso e magro como um junco, / O crânio calvo, o olhar febril, o bico adunco” em *A Lágrima* (1888). Aquilino Ribeiro, depois de também ele aludir “à estampa fisionómica”, à qual acrescenta “o acinte com que trata Jeová”, “o seu gosto pelo *bric-à-brac*”, bem como um “certo sentido da economia”, os quais, na sua asserção, “traem Israel à légua”, é peremptório em afirmar que “*A Velhice*, se não é dum judeu, podia sê-lo”: (Aquilino Ribeiro, “Junqueiro e os novíssimos do homem”. *A República* (28 Mar. 1956), p. 2, col. 3-4, mais tarde recolhido em: Idem, *De Meca a Freixo de Espada à Cinta: Ensaios ocasionais*. Amadora: Liv. Bertrand, 1974, p. 379). Por seu lado, “o poema *Pátria* amplifica importantes indícios de temas, gostos e sensibilidades convergentes com alguma experiência cultural judaica”, escreve Luís Machado de Abreu, “A redenção pelo pecado na *Pátria* de Guerra Junqueiro”. In Maria Helena C. dos Santos; Maria Graça Bachmann; Roberto Bachmann [Coord.], *Comunicações apresentadas no I Colóquio Internacional do Património Judaico Português*. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996, p. 237.

²² Pierre Hourcade, *Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son œuvre*. Paris: Société d’édition “Les Belles-Lettres”, 1932, p. 31.

²³ Assim depõe Lopes de Oliveira: “Ele é representativo duma corrente de má tendenciosidade, à qual pretendeu dar, por um livro escrito em francês, certa ressonância internacional, e poderá servir de fonte a novas extensões do charco crítico, onde coaxam as levianas rãs inchadas de ridículo orgulho – os

O suposto semitismo de Junqueiro serviu vários propósitos. Traduz uma complexa problemática e, em muitos casos, configura ou dissimula uma grande audácia inventiva. Tendo presente esta ideia, e para que se possa alcançar uma compreensão mais global do poeta, proponho hoje a sua relativização.

4.2. Sem declarada ligação aos genes, há quem faça remontar à infância a primeira nota anticlerical do autor de *A Velhice do Padre Eterno*. Mais precisamente à instrução primária, tendo por consequência, fácil, aliás, de adivinhar, “meia dúzia de palmatoadas, aplicadas pelo mestre-régio!”. Tão sugestivo e extraordinário fenómeno de precocidade é lavrado nas páginas de *O Tripeiro*:

Gente boa, e com a consciência do dever, a família Junqueiro mandou o pequeno Abílio frequentar a escola primária, mal teria os sete anos do regulamento.

O pequeno estudante – vivaço, espertelho, solerte – ao fim do ano, já ensinava os atrasados da classe! O mestre-régio de Freixo era padre, e tão famoso educador, como emérito gastrónomo e almudeiro bebedor: talvez o modelo que serviu para padre-cura do ‘Melro’.

Um dia, o mestre demorou boa hora, antes de chegar à escola: é que, na véspera, assistira com os tunos da terra, a espalhafatosa tibornada, num lugar de azeite, – onde a bacalhoadada e o rexelo abundaram e a ‘regazinha’ deu inundação! Pândega de arromba, até ao luzir do buraco...

A garotada da escola sabia do escândalo e comentava-o alegremente, na previsão do feriado, que se antolhava. Então o azogado estudante Abílio – seus nove anos – abeirou-se do quadro preto, tirou do bolso um naco de gesso e escreveu, duma assentada:

‘Se o mar fosse de vinho,

E a terra toda um foliar,

O nosso professorinho

Comia a terra e bebia o mar.’

Quando acabou e a bravia rapaziada aclamava em algazarra o novel poeta – entrou, de supetão, e a ziguezaguear, o bojudado padre Jerónimo, que se pôs a ler a premissa poética do seu jovem aluno! Mas ao pobre Abílio caiu o sangue na arca: já sabia o que o esperava...

– Ah! sim! Anda cá gaiato! E padre Jerónimo, a rir-se por dentro, porventura já a admirar o despontar da aurora luminosa, mais para manter a disciplina, que por julgar-se agastado, premiou com meia dúzia de ‘bolinhos’ – sem substância! – a primeira quadra do Poeta!²⁴

Anos volvidos, julgo que bebido em fonte diversa, o fenómeno seguia o seu curso lendário. Liberto das acintosas referências ao padre mestre-régio, não deixava de sublinhar-se que ele, “pressentindo no aluno invulgares dotes de inteligência, se comprazia em puxar por ele”. Fazia-se igualmente notar que aqueles versos, “em vez de

fracassados verzejadores, roídos de inveja e despeito”. Lopes d’Oliveira, *Guerra Junqueiro: A sua vida e*, vol. 1, p. 82.

²⁴ Manuel de Boaventura, “Uma feição diferente de Junqueiro”. *O Tripeiro*, n.º 7 (Jul. 1961), p. 201.

versos líricos, como frequentemente sucede aos principiantes, eram versos satíricos”. Assim, à citada quadra, substancialmente alterada acrescenta-se, precedendo-a, uma outra:

O cura da minha aldeia
É um cura nunca visto,
Dava o manto de Jesus
Por um hábito de Cristo.

Se as ondas fossem de vinho
E fosse a terra um foliar,
Depois de comer a terra
O cura bebia o mar!

Posto isto, escreve Oliveira Guimarães, “facilmente se adivinha o estro, não só lírico, mas satírico, que viria a tornar Junqueiro no extraordinário poeta e homem de espírito que ele foi”²⁵. Considero que será ir longe de mais na adivinhação. Pouco importa que a primeira versão aqui apresentada tenha sido, em parte, corrigida pouco depois na mesma revista *O tripeiro*: “A quadra reproduzida [...] faz parte de uma poesia escrita pelo Poeta no período de fogosa irreverência.” Ainda que lhe atribua “pouquíssimo valor”, A. M. Magalhães reproduz-la “como simples documento”, aditando uma quadra e um título à segunda versão de que demos conta:

O Cura Da Minha Aldeia

O cura da minha aldeia
É um cura nunca visto,
Dava o manto de Jesus
Por um hábito de Cristo.

Se as ondas fossem de vinho
E fosse terra o foliar;
Depois de comer a terra,
O cura bebia o mar.

O cura da minha aldeia
É d’altura dum castelo,
Qual seria o marmeleiro
Que produziu tal marmelo?!²⁶

²⁵ Luís de Oliveira Guimarães, *O espírito e a graça*, pp. 15-16.

²⁶ A. M. Magalhães, “Comunicações dos Leitores: Ainda Guerra Junqueiro”. *O Tripeiro*, n.º 9 (Set. 1961), p. 315.

De onde terá sido colhida a composição e por que se afirma ter sido ela escrita “no período de fogosa irreverência” de Junqueiro? Encontramos a resposta no jornal *O Século*, na sua edição de 22 de Fevereiro de 1887²⁷. Ali a lemos tal qual nos é apresentada por A. M. Magalhães. Estavam decorridos dois anos sobre a publicação de *A Velhice do Padre Eterno*. Guerra Junqueiro vivia ainda, de facto, em plena “fogosa irreverência”, confundindo o entusiasmo com desabrida e presunçosa ironia.

Será crível, que, à data, ano de 1887, Guerra Junqueiro escrevesse versos, no mínimo, tão singelos? Garantido é que, uma vez publicada em *O Século*, a despreziosa composição poética de sabor popular e trovador ganhou perenidade. Dali foi declaradamente recolhida e fixada no volume *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, organizado por Amorim de Carvalho.²⁸ Não se faz ali alusão ao tempo da “instrução primária” nem a qualquer outro, sendo possível pressupor que foi escrita no ano ou tempos próximos ao que *O Século* a estampou.

Parece, contudo, que Maria Isabel Guerra Junqueiro de Mesquita Carvalho (1880-1974)²⁹, filha mais velha do poeta, estava também convicta da “inspiração do poeta ainda menino”. Disso dá conta a carta inédita, datada de Lisboa, 15 Fevereiro de 1943, dirigida ao bibliófilo Cândido de Nazaré (?-1948):

[...] Se o agradecimento é tardio, a doença o impediu. [...] As quadras são preciosas, sobretudo por revelarem a inspiração do poeta ainda menino. Foram dedicadas ao professor, que o leccionou em Freixo, nos primeiros estudos.

Eu conhecia apenas esta quadra:
 ‘Se as ondas fossem de vinho
 E fosse a terra um foliar,
 Depois de comer a terra,
 O cura bebia o mar’. [...].

E desta carta, resposta tardia a uma outra do seu interlocutor, facilmente se depreende que foi Cândido de Nazaré quem lhe revelou os restantes versos (quantos?) da composição *O cura da minha aldeia*, o que em nada admira, não fosse ele um dos mais eruditos bibliógrafos do séc. XIX, detentor de uma inestimável colecção de jornais literários e de espécies poéticas. Tê-la-á Cândido de Nazaré colhido da referida edição de *O Século*? É provável, havendo, no entanto, como adiante se verá, uma outra via ou, talvez, mesmo duas.

²⁷ Guerra Junqueiro, “O cura da minha aldeia”. *O Século* (22 Fev. 1887), p. 1, col. 6.

²⁸ Cf. *OGJ*, p. [1071], podendo aqui ler-se: “Publicado em *O Século*, de 22 de Fev. de 1887”.

²⁹ Sobre esta figura, veja-se: Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: percursos e*, pp. 215-266.

Se questionamos atrás a possibilidade de Junqueiro ter escrito aqueles versos pelo ano de 1887, não podemos analogamente deixar de questionar que os tenha escrito na fase da instrução primária. Desde logo, e conquanto assim tenha sido, quem os passou ao papel, uma vez que Junqueiro os terá escrito a giz na lousa do quadro? O visado mestre-régio? Ora, como se disse, ele não gostou da brincadeira e agiu por consequência.

4.3. Para que esta questão de cisco se não arraste, avancemos para Coimbra, frenética cidade em que, por 1871, tudo irrompe “como um sol que fosse novo”, na expressão de Eça. Nesse ano, limitemo-nos a assinalá-lo, realizaram-se as Conferências do Casino e saíram à luz *As Farpas* de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós. Guerra Junqueiro, depois dos dois anos na Faculdade de Teologia, frequentava o 3.º ano do curso de Direito. Em Coimbra também se encontrava, frequentando Humanidades, o brasileiro Garcia Redondo (1854-1916), companheiro de casa de Gonçalves Crespo.

“A nossa *república* – escreve Redondo em Março de 1905 – instalada na casa das velhas Seixas, à rua da Couraça de Lisboa, era frequentada pela *elite* intelectual de Coimbra. Entre outros, iam ali diariamente Guerra Junqueiro, ainda imberbe e aspirante a homem de letras”. Entre aqueles “outros” contavam-se Cândido de Figueiredo, Frederico Laranjo, Simões Dias, Caetano Filgueiras, João e Manoel de Campos Carvalho, Macedo Papança, Silva Ramos, Sérgio de Castro “e outros que prestavam culto a João Penha”³⁰. Redondo, então com 13 anos de idade, “assistia, cheio de curiosidade, às discussões que se travavam no quarto de Penha ou de Crespo, por entre a fumarada dos cigarros, sobre escolas literárias ou sobre livros recém-publicados”. E assim, “de outiva, ia aprendendo muita coisa e ganhava gosto pelas letras”³¹. Terá sucedido, aliás, o mesmo com Junqueiro.

Naquele ano de 1871, com Silva Ramos, António Bettencourt Rodrigues, Macedo Papança e Sérgio de Castro, Garcia Redondo funda *O Peregrino*, jornal literário, com periodicidade quinzenal e duração relativamente efémera (1871-1872)³². Lançado pela mesma casa que lançava *A Folha*, a Imprensa da Universidade, *O*

³⁰ Garcia Redondo, *Atravez da Europa (Impressões de viagem)*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1908, p. 356.

³¹ *Ibidem*.

³² Para tal terá concorrido o facto de Garcia Redondo ter regressado ao Rio de Janeiro. Ingressando na Escola Politécnica, obteve o grau de engenheiro e de bacharel em ciências físicas e matemáticas. G. Redondo foi também jornalista (colaborador de vários jornais e revistas, designadamente *O Mosquito* e *Jornal do Comércio*), contista e teatrólogo, foi Lente da Politécnica de São Paulo e sócio da Academia Brasileira de Letras.

Peregrino reivindicava autonomia: “a redacção deste jornal é completamente estranha à da *Folha*”, lê-se na secção de “Expediente” do primeiro número. Justamente nesse número³³ se encontra – assinada pelas iniciais “G. J.”, com título distinto do que já conhecemos, acrescido de um significativo subtítulo e de mais duas quadras, com ordenação igualmente distinta e com as cinco quadras devidamente numeradas – a seguinte composição:

**O Sr. Cura
(Cantigas para viola)**

I

O Cura da minha aldeia
É pregador infeliz:
Prega sermões espantosos,
Mas fala por o nariz.

II

Se as ondas fossem de vinho
E fosse a terra o folar
Depois de comer a terra,
O Cura bebia o mar.

III

O Cura da minha aldeia,
Vendo a arca de Noé,
Mandou logo fazer dela
Uma caixa de rapé.

IV

O Cura da minha aldeia
É um Cura nunca visto:
Dava o manto de Jesus
Por um hábito de Cristo.

V

O Cura da minha aldeia
É d’altura dum castelo
Qual seria o marmeleiro
Que produziu tal marmelo?!...³⁴

³³ Número de oito páginas, com Bettencourt Rodrigues a figurar na qualidade de Director, “Preâmbulo” de Garcia Redondo, versos de Amélia Janny, Silva Ramos, Angélica d’Andrade, António de Macedo, Luís Sarrea, outros dos alguns já citados, etc.; prosa de Guiomar Torrezão, e uma outra, mais extensa, assinada por “L.”

³⁴ G. J., “O sr. Cura”. *O Peregrino (Publicação Litteraria)*, n.º 1 (1.ª série. 1871), p. 8. [Coimbra: Imprensa da Universidade].

Por tudo quanto anteriormente se foi carreando e pelo mais que adiante se dirá, quase desnecessário será declarar que é da época de Coimbra esta cantiga docemente anticlerical. Mas, e admitindo, como tudo parece indicar, que tenha sido publicada pela primeira vez em *O Peregrino*, a questão não fica resolvida. Persiste a interrogação sobre a época em que foi escrita.

Em Junho de 1906, Garcia Redondo, de visita ao Porto, procura Junqueiro na sua casa da Boavista. A dada altura, “recordei-lhe que ele havia sido meu colaborador no *Peregrino* e recitei-lhe três quadras³⁵ de uma sátira ao cura da sua aldeia, que ele havia escrito de improviso à última hora para encher um espaço em branco da revista”. Junqueiro terá dito apenas “Que tolice!”. E a propósito do velho cura, continua G. Redondo, “o poeta arguiu-me sobre o clericalismo que, após a proclamação da república e logo em seguida à lei que separou a Igreja do Estado, começara a invadir assustadoramente o Brasil”. Junqueiro “admirava-se” como os brasileiros haviam

“consentido nesse alastramento da sotaina por toda a república.
 – Dentro em pouco, o Brasil estará, como a França e como a Espanha, completamente dominado, inteiramente subjugado pelo padre.
 – O nosso povo é, em sua maioria, católico, disse-lhe eu.
 – Sim, pode sê-lo, mas em termos, contendo e fiscalizando o padre – o inimigo³⁶.”

Dir-se-ia, portanto que a composição “O cura da minha aldeia” foi escrita “de improviso, à última hora, para encher um espaço em branco da revista” *O Peregrino*. A ser assim, seria de 1871, ano da sua publicação. Mas é provável que Guerra Junqueiro a tenha composto uns três ou quatro anos antes e com mais umas quantas quadras.

Com efeito, são nove as quadras que constam num documento autógrafo de Guerra Junqueiro, assinado pelas iniciais “GJ”, escrito a tinta preta, em frente e verso,

³⁵ Estas, assinalando nós, a itálico, a variante detectada nos dois últimos versos da segunda quadra: “O cura da minha aldeia / É da altura de um castelo, / Qual seria o marmeleiro / Que produziu tal marmelo? // O cura da minha aldeia / É um cura nunca visto / Dava o curato e a estola / Por um hábito de Cristo!... // Se as ondas fossem de vinho / E fosse a terra o foliar, / Depois de comer a terra/ O cura bebia o mar!...”. Garcia Redondo, *Atravez da Europa*, p. 102.

³⁶ *Ibidem*, pp. 102-104. Na biblioteca particular de Guerra Junqueiro encontra-se um exemplar deste livro, com a dedicatória: “Ao Ex.mo Amigo Dr. Guerra Junqueiro off. Os editores”. Do mesmo autor ali se encontra também: Garcia Redondo, *O Descobrimento do Brazil: Prioridade dos portugueses no descobrimento da America*. S. Paulo: Casa Vanorden, 1911. Trata-se do texto da primeira conferência da série organizada pelo Centro Republicano Português de São Paulo, realizada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na noite de 3 de Julho de 1911. Tem esta dedicatória: “Ao velho amigo Guerra Junqueiro. Homenagem affectuosa do Garcia Redondo. Brazil – S. Paulo – Agosto 1911. Rua Rego Freitas, 1 ou Caixa postal 243”.

numa tira de papel branco, sem linhas e depositado no espólio de Jaime Batalha Reis, na Biblioteca Nacional de Lisboa:

O cura da minha aldeia

O cura da minha aldeia
É um cura d'uma figa;
Se cura pouco da igreja,
Cura muito da barriga.

O cura da minha aldeia
É pregador infeliz³⁷
Prega sermões espantosos
Mas³⁸ fala pelo nariz.

Se as ondas fossem de vinho
E fosse a terra um foliar,
Depois de comer a terra,
O cura bebia o mar.

O cura da minha aldeia
É cura de grande fama
Apesar³⁹ de ser já velho,
Não tem dentes, mas tem ama⁴⁰.

O cura da minha aldeia
Tem ricas opas vermelhas,
Porque enfim como é pastor⁴¹
Fá-las da lã das ovelhas⁴².

O cura da minha aldeia
Vendo a arca de Noé,
Mandou logo fazer dela
Uma caixa de rapé.

/ fl. 1. v. / O cura da minha aldeia
Tem modos de cardeal;
Quando vai por uma rua
Parece águia e é pardal⁴³

O cura da minha aldeia
É um cura nunca visto:

³⁷ Por baixo, rasurado, lê-se: "É cura muito feliz."

³⁸ Rasurado: "E".

³⁹ Neste ponto, rasurado: "já".

⁴⁰ Esta quadra, como a que se lhe segue, está assinalada, do lado esquerdo, por um traço que a envolve de cima abaixo.

⁴¹ Sublinhado no original.

⁴² Sublinhado no original.

⁴³ Quadra assinalada, do lado esquerdo, por um traço que a envolve de cima abaixo.

Dava o manto de Jesus
Por um hábito de Cristo.

O cura da minha aldeia
É grande como um castelo:
Qual seria o marmeleiro
Que produziu tal marmelo?

*Guerra Junqueiro*⁴⁴.

No verso do documento, ao fundo, escrita a lápis, pode ler-se esta anotação arquivística posterior: “Letra e assinatura de Guerra Junqueiro, achado num diário de 1867 e 1868 de Jaime Batalha Reis”. O cotejo com outros textos autógrafos do poeta, de data aproximada, permite confirmar a grafia.

Aquele desprezioso documento revela-se, afinal, e a vários títulos, curioso. Jaime Batalha Reis (1847-1935) não estudou em Coimbra⁴⁵. Educado no Colégio Alemão, em Lisboa, concluiu estudos no Instituto Geral de Agricultura. Todavia, a sua casa, na Travessa do Guarda-Mor, 19, em pleno Bairro Alto, albergou, em finais de 1867, a génese da tertúlia de literatos e artistas, vindos de Coimbra, que, sob influência de Antero (regressado de São Miguel em Novembro de 1868), e denominada por Cenáculo de Lisboa, daria origem às Conferências Democráticas do Casino. Datarão de 1867-1868 o início da amizade com Batalha Reis e a entrada de Junqueiro no Cenáculo, onde, mais tarde, foi ler, no todo ou em parte, *A Morte de D. João?*

Para o propósito imediato deste texto, bastará dizer que, relativamente a “O cura da minha aldeia”, fica afastado o simpático quadro da “instrução primária” de Guerra Junqueiro em Freixo de Espada à Cinta. A composição terá sido escrita por 1867-1868, ou seja, pelos 17-18 anos do poeta, tendo sido, muito provavelmente, publicada por primeira vez, e com apenas cinco quadras, em *O Peregrino* (1871). Amorim de Carvalho não teve decerto disso conhecimento, uma vez que, em Apêndice a *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, se limita a transcrever as três quadras publicadas em *O Século*, a 22 de Fevereiro de 1887.

⁴⁴ BN – Caixa 62. Doc. 52. Na transcrição, respeitamos a disposição do documento, mantivemos o uso das maiúsculas e minúsculas, actualizamos a ortografia, respeitamos, quanto possível, a pontuação, destacamos as palavras rasuradas e entrelinhadas, mantivemos os sublinhados e desdobrámos, a itálico, as iniciais da menção autoral.

⁴⁵ Também nunca foi colaborador da famosa revista conimbricense *A Folha*. Não obstante, Gomes Leal dedicou-lhe ali um soneto: Gomes Leal, “Heli! Heli. A Jaime Batalha Reis”. *A Folha*, n.º 7 (3.ª série. 1871), pp. 51-52.

Cabe ainda perguntar: qual das versões recebeu Maria Isabel Guerra Junqueiro da mão de Cândido de Nazaré? Custa-nos admitir que o erudito bibliófilo não conhecesse a publicada no primeiro número de *O Peregrino*. Mas é possível e talvez mesmo provável, tanto mais que Amorim de Carvalho na elaboração de *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*, trabalhando com limitações de várias ordens, contou com a colaboração efectiva da filha do Poeta, mormente no que toca à revisão dos elementos biográficos de seu pai e no aumento da bibliografia. Assim o declara A. de Carvalho na “nota final”, aditando ficar a dever-se a Maria Isabel Guerra Junqueiro “quase todo o texto que constitui o Apêndice” de *Obras de Guerra Junqueiro (Poesia)*⁴⁶.

Como quer que tenha sido, em futuras edições ou eventuais reedições que venham a ser feitas do inestimável trabalho de Amorim de Carvalho, esta composição (como, tantas outras) carece, ao menos, de uma nota.

⁴⁶ Cf. *OGJ*, p. LXXX.

REFERÊNCIAS

De Guerra Junqueiro

J[UNQUEIRO], G[uerra], “O sr. Cura”. *O Peregrino (Publicação Litteraria)*, n.º 1 (1.ª série. 1871), p. 8. [Coimbra: Imprensa da Universidade].

JUNQUEIRO, Guerra, “O cura da minha aldeia”. *O Século* (22 Fev. 1887), p. 1, col. 6.

JUNQUEIRO, Guerra, “A execução de uma quadrilha”. *A Pátria* (23 Abril 1910), p. 3, col. 1.

JUNQUEIRO, Guerra, *Horas de Luta*. Porto: Livraria Lello & Irmão, Editores, 1945.

Antologia poética: Guerra Junqueiro. Anotação e selecção de A. Cândido Franco. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

Obras de Guerra Junqueiro (Poesia). Organização e introdução de Amorim de Carvalho. Porto: Lello & Irmão, 1972.

Sobre Guerra Junqueiro

ABREU, Luís Machado de Abreu, “A redenção pelo pecado na *Pátria* de Guerra Junqueiro”. In Maria Helena C. dos Santos; Maria Graça Bachmann; Roberto Bachmann [Coord.], *Comunicações apresentadas no I Colóquio Internacional do Património Judaico Português*. Lisboa: Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, 1996.

ABREU, Luís Machado de Abreu, *Ensaio anticlericais*. Lisboa: Roma Editora, 2004.

BOAVENTURA, Manuel de Boaventura, “Uma feição diferente de Junqueiro”. *O Tripeiro*, n.º 7 (Jul. 1961), p. 201.

COELHO, Jacinto do Prado Coelho [Dir.], *Dicionário de Literatura: Literatura portuguesa [...]*. 4.ª edição, Porto: Livraria Figueirinhas, 1997, vol. 2.

FERREIRA, José Gomes, “No cinquentenário da morte de Guerra Junqueiro”. *Colóquio/Letras*, n.º 14 (Jul. 1973), p. 69-72.

- GUIMARÃES, Luís de Oliveira, *O espírito e a graça de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Livraria Romano Torres, 1968.
- HOURCADE, Pierre Hourcade, *Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son œuvre*. Paris: Société d'édition "Les Belles-Lettres", 1932.
- LEAL, Gomes, "Heli! Heli. A Jaime Batalha Reis". *A Folha*, n.º 7 (3.ª série. 1871), pp. 51-52.
- MAGALHÃES, A. M Magalhães, "Comunicações dos Leitores: Ainda Guerra Junqueiro". *O Tripeiro*, n.º 9 (Set. 1961), p. 315.
- NEVES, Moreira das, *Guerra Junqueiro: o homem e a morte*. Porto: Domingos Barreira, 1942.
- OLIVEIRA, Lopes d', *Guerra Junqueiro: A sua vida e a sua obra*. (1850-1880). Lisboa: Ed. Excelsior, [1954], vol. 1.
- PEREIRA, Henrique Manuel S. Pereira, *Guerra Junqueiro: Percursos e afinidades*. Lisboa: Roma Editora, 2005.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *As imagens e os sons na lírica de Guerra Junqueiro*. Lisboa: Livraria Portugália, 1950.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Um Regresso às Imagens e aos Sons na Lírica de Guerra Junqueiro*. Caderno Especial, integrante da revista *Letras Com Vida – (Literatura, Cultura, Arte)*, n.º 1 (1.º Sem. 2010). 20 pp.
- REDONDO, Garcia, *Atravez da Europa (Impressões de viagem)*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1908.
- RIBEIRO, Aquilino, "Junqueiro e os novíssimos do homem". *A República* (28 Mar. 1956), p. 2, col. 3-4.
- RIBEIRO, Aquilino, *De Meca a Freixo de Espada à Cinta: Ensaio ocasionais*. Amadora: Liv. Bertrand, 1974.
- SARDINHA, António, Monsieur Homais em Pathmos. In Idem, *Na feira dos mitos. Ideias & factos*. Lisboa: Liv. Universal de Armando J. Tavares, 1926.

SARDINHA, António, *Purgatório das ideias. Ensaio de crítica*. Lisboa: Liv. Ferin, 1929.

TELMO, António, *Horóscopo de Portugal*, Lisboa: Guimarães Editores, 1997.